

# A influência do sentimento de beleza nas práxis de educadores e agricultores familiares no sudoeste de Goiás

Mariana Crepaldi de Paula

Homero Tártari Feijó

*“Sors-tu du gouffre noir ou descends-tu des astres?  
Le Destin charmé suit tes jupons comme un chien;  
Tu sèmes au hasard la joie et les désastres,  
Et tu gouvernes tout et ne réponds de rien.”*

*“Sobes do abismo negro ou despencas de um astro?  
O Destino servil te segue como um cão;  
Semeias a desgraça e o prazer no teu rastro;  
Governas tudo e vais sem dar satisfação”*

*Charles Baudelaire, Hymne à la beauté*

A doce ditadura da beleza, conceito indefinível e que seria responsável por todos os atos, já era cantada por Baudelaire, (1857). A “beleza”, o “belo”, foram exaustivamente estudados pelos pais fundadores do pensamento ocidental (Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Locke, Burke, Kant, Schopenhauer, Hegel,...), implicando uma relação entre a ética e a ação, sen-

do, como nos lega a antiguidade, a trindade *belo-bom-verdadeiro* inelutável ao estudo da filosofia. O belo, de alguma maneira, está associado à *harmonia das formas*, à *ética dos atos* e à *própria lógica do raciocínio*.

A questão da beleza sempre ocupou um plano secundário dentre os objetos de especulação filosófica e científica. Ainda que inúmeros filósofos tenham se debruçado sobre ela, sempre o fizeram tendo-a como questão menor<sup>1</sup>, sem que jamais se tenha dado o devido valor ao tema. Curiosamente, passa sempre despercebido o quanto a estética influi sobre nossas escolhas, ímpetos e inclinações Shrivastava e Statler, (2010) afirmam que a racionalidade científica não contempla discussões que tratem das emoções humanas e suas influências sobre as performances organizacionais e a resiliência, vistas como variáveis não pertinentes ou contaminantes.

A crise ambiental associa-se a uma crise civilizatória, e esta a uma crise ética e estética, que se materializou, a partir da década de 50, em incontáveis desastres ambientais dentre os quais são emblemáticos os de Minamata, Bhopal, Chernobyl e a inversão térmica de Londres. As respostas mais conhecidas a esses eventos, por sua vez, são urbanas, o movimento contracultura, por exemplo, e deram origem ao movimento ambientalista (PAULA, 2010).

Estas preocupações ambientais encontraram voz, na América Latina, em diversos movimentos sociais de resistência a regimes ditatoriais ou de luta por direitos humanos, dentre os quais os emblemáticos “empates” dos seringueiros, catalizadores da criação de um movimento socioambiental.

É apenas dentro desta matriz que podemos conceber a educação ambiental em comunidades campesinas do Sudoeste de Goiás. Lá, a crise ambiental hoje é percebida brutalmente pelos assentados e acampados, através do súbito impacto no bioma cerrado (impacto este diretamente ligado ao agronegócio) e através da desapropriação (muitas vezes ilegal) de terras tradicionalmente ocupadas. Estes impactos têm causado uma perda dramática, ainda que não

---

1 Justiça seja feita a Kant e Baumgarten, filósofos que realmente dedicaram-se profundamente à questão.

mensurada, na cultura local de raizeiros, agricultores e extrativistas. Mais que isso, a região tem sofrido com o envenenamento sistemático de seus recursos naturais e da própria população.

A denúncia deste envenenamento se torna mais ágil com o advento das novas tecnologias (celular, filmadoras e internet), e tornou-se pública com a divulgação de filmes como “Pontal do Buriti – Brincando na chuva de Veneno”, “O Veneno está na mesa” 1 e 2, emblemáticas expressões atuais do movimento socioambientalista, na tradição de filmes como “Ilha das Flores” que utilizam uma linguagem mais documental.

É neste contexto de denúncia e enfrentamento da crise que os movimentos sociais se apropriam desta educação e se identificam com ela, propondo, não mudanças de comportamento que visem um suposto “desenvolvimento sustentável”, mas uma mudança de paradigmas que permita um desenvolvimento humano focado na mudança de valores éticos e estéticos permitindo a inversão de uma lógica que pretende se estabelecer como inelutável.

As tentativas de enfrentamento desta crise passam pela transição agroecológica. Esta, por sua vez, segundo indica esta experiência, passa pela presença do “Belo” no discurso dos Agricultores Familiares de Jataí, Chapadão do Céu e Mineiros-GO. Tudo nos indica que o juízo estético, quanto à opção por seus projetos, trabalhos e manejos, é preponderante, seu estudo portanto deveria ser condição *sine qua non* para o andamento de projetos de transição agroecológica. Entretanto, “beleza” é um conceito subestimado em qualquer ciência ocidental contemporânea. Verificamos que, em todas as ações neste sentido, (e mesmo antes, nos diagnósticos) o conceito de beleza era fundamental para o entendimento das opções de manejo. Como veremos, o conceito de beleza nunca foi definido, mas foi amplamente discutido ao longo dos tempos no pensamento ocidental. Este trabalho procura nas discussões da filosofia ocidental um amparo para o seu entendimento e tem por objetivo estudar maneiras em que o sentimento de beleza pode influenciar nas práxis de educadores e agricultores familiares do Sudoeste de Goiás. Nossa premissa: este entendimento é fundamental para a potencialização das ações de educação ambiental.

## **Revisão bibliográfica: como o homem se relaciona com o belo?**

Por mais que a beleza e a inclinação pelo belo impregne nossas vidas, nossas vivências, aspirações, e os mais diversos âmbitos da existência humana, a questão da beleza sempre ocupou um plano secundário dentre os objetos de especulação filosófica e científica. Ainda que inúmeros filósofos tenham se debruçado sobre ela, sempre o fizeram tendo-a como questão menor. Fazendo-se justiça a Platão (1980, 1987, 2006), Kant, (1876) e Hegel (1991), suspeitamos que, afora estes, jamais se tenha dado o devido valor ao tema. Curiosamente é sempre subestimado o quanto a estética influi em nossas escolhas, ímpetos e inclinações. Mesmo ao filósofo, quantas vezes sua afeição por determinada intuição em detrimento de outra não se dá devido a uma ser esteticamente mais atraente que outra? O exemplo clássico de Schopenhauer, (1991) demonstrando o quanto Kant forçou seu sistema de categorias até conseguir enquadrá-lo num esquema simétrico, é um dos mais emblemáticos deste aparente contrassenso.

Provavelmente o menosprezo filosófico e científico pelo relevo da impressão do belo em nossas existências deva-se ao fato disso parecer supérfluo, concernindo a uma espécie de “campo de irracionalidade” em nossa compreensão e expressão culturais. Por outro lado, o fato de concernir, se não exclusivamente à arte, também intimamente a esta, sobretudo à Grande Arte, acaba por remeter a discussão a uma espécie de círculo aristocrático onde o refinado gosto do cultivado apreciador da alta expressão artística se lançará à análise da obra de arte penetrando seus recônditos segredos históricos, técnicos, metafísicos, deixando contudo de fora as relações entre a experiência da beleza e os mais profundos campos do saber e da existência humana.

Ao nosso ver tudo isso não passa de um grande equívoco que se inicia quando Baumgarten, (1993) cunha o termo estética. Ora, da ética à lógica, tudo se impregna de inclinação para o belo. Quem sabe essa inclinação seja mesmo o suporte da própria possibilidade de conhecer a pedra fundamental do edifício da razão, como sugere Peirce, (1989) ao propor que “O homem justo é aquele que controla suas paixões e as conforma aos fins que deliberadamente adota como verdadeiros. Um raciocínio lógico é aquele que exerce grande autocontrole nas

operações intelectuais; a excelência lógica é uma espécie do moralmente excelente. [...] a excelência moral depende do excelente estético”.

Resumindo muitíssimo sucintamente o decorrer da especulação sobre a beleza ao longo da história do pensamento ocidental, temos *Platão e os neo-platônicos*, circunscrevendo o belo ao mundo das ideias, ou a uma idealidade e perfeição da qual os seres participam em alguma medida. Posteriormente *Aristóteles* nos sugere que a beleza é uma forma de perfeição (ARISTÓTELES, HORÁCIO & LONGINO, 1985). Em sua *Ética a Nicômaco Aristóteles*, (1991) diz que “às boas obras de arte não é possível tirar nem acrescentar nada [...] o excesso e a falta destroem a excelência destas [...]”, ou seja, é uma forma de equilíbrio, de excelência, de mediania. Podemos afiliar a este grupo, já na idade média, *S. Tomás de Aquino* que propunha uma objetividade do belo, uma vez que, para ele, a beleza se dá por uma relação de proporcionalidade que apetece ao próprio aparelho perceptor, também por participação no belo divino, o que parece recuperar Platão em perspectiva teológica (ECO, 1989). O mesmo pode-se dizer quanto a *Hegel*, (1991) para quem, em sua estética, o belo provém do espírito, ainda que negue espiritualidade, bem como beleza à natureza, ao contrário de *Platão*.

Se admitirmos que a beleza consiste numa condição ideal de excelência formal, então quando tratamos de estética, estamos tratando da excelência na manifestação formal, quando tratamos de ética tratamos por sua vez de excelência moral, quando de lógica, por fim, de excelência racional. Isto nos remete uma vez mais ao antigo triângulo aristotélico, retomado pela escolástica do belo, bom, verdadeiro.

Porém belo é, também, resultado da equação estabelecida entre o objeto (ou seus atributos) e as expectativas a priori de um sujeito perceptor. A percepção de um mesmo objeto está condicionada pelas expectativas prévias do sujeito.

Há, certamente, variáveis étnico-culturais, bem como histórico-geográficas (ou tempo-espaciais) agindo sobre nossas inclinações de gosto particulares. Estas são bem mais óbvias e fáceis de detectar que as anteriores, basta que olhemos a arte, entre os diferentes povos e através da história, para que tenhamos algum parâmetro do quanto isso é evidente. O que num certo povo e período

histórico é belo, noutro pode ser feio e mesmo inaceitável, noutro ainda pode voltar a ser belo. Os referenciais estéticos coletivos variam tanto quanto os individuais segundo um imenso elenco de fatores que incide sobre os elementos geradores de seus estatutos formais. Assim, tal qual nossas instâncias morais (e mesmo lógicas, já que há uma gênese também desta em cada ser humano e em cada sociedade), nossos referenciais estéticos têm sua dinâmica temporal, portanto histórica, e espacial, portanto geográfica. Se abstrairmos o belo como uma forma de equilíbrio, e o equilíbrio como condição ontológica, plantada em todo ser vivo, inerente à vida, então talvez possamos ver na inclinação para o belo uma inclinação para um equilíbrio que, de alguma forma, intuímos como propício à vida.

Tal visão pode ser aplicada a muitos e diferentes âmbitos. Aplicada à perspectiva sociológica, por exemplo, temos a inelutável necessidade de resolução das contradições da sociedade. Ou seja, a vida em si mesma, também em sua manifestação como sociedade, implica toda uma dialética de oposições e desequilíbrios que traz, consigo, a imperiosa tarefa de solucioná-los, buscando recuperar o equilíbrio, ou perecer. Esta perspectiva permite termos uma visão dinâmica do devir da vida e da história, ainda que, tal como o motor imóvel de Aristóteles, suspenda arbitrariamente a cadeia causal numa suposta característica intrínseca do fenômeno vital. Sabemos do risco de deslize totalitário que uma tal perspectiva de visão implica, mas cremos que se entendermos que o aprendizado de cada ser humano bem como de cada povo na terra compreende uma perspectiva individual legítima e inalienável de compreensão do belo, tal possibilidade seguramente está definitivamente afastada.

Esta questão da eliminação das realidades de determinados grupos sociais face àquelas estabelecidas pela hegemonia científica foi explorada por Santos (2009). Neste sentido, se um assentado vê em determinado manejo o belo e, inclinando-se para ele, por ele opta, talvez devêssemos buscar compreender por quê, para ele, ou para aquele grupo humano, tal manejo representa o propício à vida, e em que medida podemos aproximar as propostas de manejo (que o saber científico sugere como mais eficientes e recomendáveis) da organização reconhecida como bela e propícia pelo camponês, ou por determinado grupo humano. Assim, tal manejo poderia apresentar-se como algo que vem

inserir-se na esfera do desejável e compreensível para aquele, propiciando a consolidação de uma excelência naturalmente almejável, e quiçá ensejando sua integração com as demais esferas da existência daquele grupo humano.

Talvez o único ponto unânime, de Pitágoras aos medievais, aos nossos dias, seja que o belo dá prazer, porque apresenta-se como aquilo que de melhor pode-se esperar, o mais plenamente favorável à vida. Objetivo maior dos agricultores com viés agroecológico.

## **Metodologia**

Os projetos desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo) e Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí (NEAF/UFG), estudam diversas estratégias no sentido da transição agroecológica no Sudoeste de Goiás. Dentre estas estratégias está o trabalho de educação ambiental voltada à autonomia do sujeito, que tem por princípio ser crítica e engajada. Todas as atividades e reflexões propostas procuram partir das diferentes racionalidades, culturas e realidades locais para propor um diálogo entre a teoria e a práxis e produzir assim o saber ambiental.

Desta forma, toda a metodologia de pesquisa-ação-participativa do projeto foi pautada nesta intencionalidade transformadora, descrita por Falls Borda, (1985) como “uma metodologia dentro de um processo vivencial, um processo que inclui simultaneamente educação de adultos, pesquisa científica e ação social ou política, e no qual se consideram como fontes de conhecimento: a análise crítica, o diagnóstico de situações e a prática cotidiana” e citada pelos autores referência da educação ambiental brasileira como Marcos Sorrentino, Carlos Rodrigues Brandão, Moema Viezzer, Pedro Demo dentre muitos outros (FERRARO JR, 2005, 2007 e 2014).

Participaram do presente estudo:

- Assentados do Assentamento Santa Rita, fundado em 1998, a 23 km da cidade de Jataí, com uma área de 968 hectares, distribuídos em 23 lotes, com área média de 38,7 hectares.
- 30 famílias acampadas do Acampamento Padre Josimo, em Jataí-GO.

- Dois agricultores familiares de Mineiros- GO que fizeram a opção pelo trabalho de agrofloresta sintrópica (SAF-S).
- Um Agricultor altamente tecnicado de Chapadão do Céu-GO que está inserindo técnicas de SAF-S em larga escala em sua propriedade.

O trabalho de diagnóstico participativo do Assentamento Santa Rita é feito lote por lote, desde o ano de 2010, de forma continuada. Ou seja, as intervenções de transição agroecológica são paralelas a atividades de diagnóstico. Consideramos que a continuidade na realização do trabalho de diagnóstico auxilia no aumento da profundidade nas discussões sobre o ambiente.

Durante este período eram realizadas duas oficinas mensais com temas ligados à agroecologia, além das visitas às famílias. Nas oficinas eram propostas atividades de planejamento.

Eram ainda realizadas idas a campo periódicas nas quais foram realizadas entrevistas semidiretivas. Nessas entrevistas, procuramos dar espaço para que as interlocutoras se sentissem à vontade em relatar aspectos íntimos de suas histórias, desde o acampamento em que viviam até a chegada ao assentamento. Procuramos entender qual a percepção das famílias sobre a atividade apícola, os fatores ambientais em geral e, particularmente, em relação à preservação dos cursos d'água. Durante a entrevista procuramos captar as percepções pessoais com relação às atividades desenvolvidas no lote, recuperando dados que esboçassem um histórico das atividades.

Diferentemente de “convencer” a (por exemplo) não queimar, procuramos estabelecer um diálogo buscando a conjunção da racionalidade camponesa com a do saber universitário, sendo que o conceito de beleza norteou este saber dialógico. As técnicas utilizadas foram adaptadas de acordo com a história, a cultura, o local e os desejos e aspirações das pessoas. O processo de reavaliação das técnicas deve ser feito na próxima etapa do projeto, ainda este ano.

Nas propriedades dos agricultores que já haviam feito a opção por técnicas de SAF-S, além do acompanhamento participativo de implantações e manejo em todas as estações do ano foram feitas análises e estes com propostas de comércio solidário das colheitas e produtos derivados

## Resultados

Resistindo à tentação de concentrar a narrativa nos resultados relativos à transição agroecológica (que já foram parcialmente analisados em PAULA & RIBEIRO, 2013), o que caracterizaria um viés comportamental à nossa análise e ao processo educativo, não iremos nos pautar por esta, mas sim pelos resultados do processo dialógico, que nos mostrou que a escolha dos camponeses por determinadas atividades ou práticas culturais orienta-se pela percepção da beleza.

Tal orientação ficou clara na insistência da utilização de queimadas como preparo do solo, e em algumas atividades de transição agroecológica como a escolha do trabalho com apicultura. Esta atividade foi escolhida por um grupo de assentadas, em completa independência da equipe, a partir, segundo os relatos recolhidos, do sentimento de prazer estético advindo de imagens de televisão mostrando o movimento de enxames, a perfeição dos favos, a regularidade da arquitetura da colmeia e alguns aspectos do manejo, como a fumigação, que detalhamos em seguida:

Sra. J. se interessou pela criação de abelhas pela televisão, através da “beleza”. J. descreve o sentimento de encanto com as imagens das abelhas que se moviam em conjunto “como se formassem um corpo”, as formas dos favos de mel e de cria, a organização dentro da colmeia, assim como com o gestual harmônico do apicultor. Esta primeira impressão a levou a buscar sua primeira capacitação em apicultura e convencer Sra. M. a fazer o mesmo. Há uma grande insistência das duas no aspecto estético desta atividade, relatando o sentimento de beleza do trato com as abelhas em todas as etapas do processo de aprendizado e o contínuo maravilhar, mesmo após a apicultura se tornar um trabalho com finalidade produtiva. Observamos a força desta percepção após a retirada de um enxame, durante uma visita a campo, trabalho que envolve alguns aspectos imprevisíveis, e exige calma e concentração. Ao contrário de outros apicultores, que consideram esta atividade lenta e até fastidiosa, J. e M. terminaram a atividade se sentindo “realizadas”, apesar das numerosas picadas de que foram vítimas: “eu nem sinto”... “nem presto atenção”... “enquanto estou pegando (os favos)”, “é tão bonito!”.

Mais 5 famílias deste assentamento se associaram, em janeiro de 2010, num projeto comum de apicultura, também iniciado pelas famílias dos lotes 16 e 17, envolvendo outro assentamento (Rio Claro) a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

O aspecto estético do trabalho com as abelhas volta à tona em todas as fa-las das assentadas. É esta a dimensão determinante em todas as etapas do trabalho, formação e venda do produto. Curiosamente J. não se sente atraída pela estética das abelhas nativas Jataí (*Tetragonisca agustula*), enquanto M. encontra um apelo estético importante nestas abelhas e tem uma “caixinha de estimacão” no seu alpendre. Mesmo tendo formação em abelhas nativas, com vantagens financeiras da criação destas, e não oferecendo riscos de picadas por não terem ferrão, J. não se sente atraída por elas. Nas idas a campo, pu-demos verificar que este “encantamento” se reproduz durante o trato com as abelhas, mesmo quando há acidentes de ferroadas. As assentadas afirmam que esta “beleza faz esquecer a dor, a tristeza, o resto do mundo”.

Apesar do ganho econômico ser um objetivo, não transparece no discurso tan-to quanto a preocupação com a beleza do trabalho. Relatos surpreendentes fo-ram feitos após um manejo (captura de enxames) em que algumas assentadas levaram entre 10 a 20 picadas de abelhas cada, e declararam que “nem sentiam as picadas, pois o trabalho era tão lindo”. Outros relatos minimizam os aspectos cansativos do manejo, pelo fato dele ser tão belo.

Em alguns lotes, houve um movimento no sentido de trocar a queima pela poda drástica e disposição da Matéria Orgânica (MO) no solo. Esta foi uma proposta levantada pelo grupo extensionista através de discussões sobre os malefícios das queimadas e benefícios da MO. A resistência a esta mudança é muito gran-de em todo o sudoeste de Goiás. Nesta comunidade ficou evidente que esta resistência era motivada também por uma razão estética: o fogo é considerado bonito, o verde que brota após a queimada é bonito e o quintal “limpo” é bo-nito. Assim, consideramos que o abandono da queima constitui uma quebra drástica nos paradigmas de manejo, porém, conforme foi apresentada, a poda revelou possuir algumas semelhanças ou mesmo ganhos estéticos em relação à queima. Assim, o verde “novo” que a sucedia, que é um elemento de beleza

almejado pelo camponês, pode ser alcançado por uma poda drástica bem conduzida. A disposição da MO em diferentes padrões, relevos e texturas, formando o que se comparou a um “tapete de procissão” é um ganho estético que foi apreciado por alguns assentados.

A utilização dessas técnicas é feita com parcimônia pelos assentados. Alguns se restringem aos locais em que os plantios demonstrativos são feitos, outros começam a testar a cobertura vegetal em pomares, cada um com interpretações próprias. Uma assentada criou “bacias” em volta das árvores do pomar, onde deixava a matéria orgânica, continuando a “varrer” o quintal à sua volta.

A perspectiva de plantios perenes, com maior biomassa e umidade (SAF), apresentados a partir de filmes, fotos e relatos também criou uma grande expectativa estética na maioria dos assentados, porém apenas uma das 4 implantações de SAF realizadas neste assentamento foi corretamente manejada e continua produzindo. Este resultado está intimamente ligado à proximidade do assentado que se implicou nesta implantação com o bioma cerrado. Enquanto os outros têm maior afinidade com a “criação” ou hortas tradicionais, este possuía um encanto e imenso conhecimento do bioma local, o que foi o grande diferencial no planejamento, implantação e manejo destas atividades. Os demais, ainda que empolgados pela perspectiva estética final, simplesmente não possuíam repertório em sua história de vida para concretizar suas expectativas no desenvolvimento desta atividade. Esta falta poderia (e deveria) ser sanada com uma extensão rural de qualidade, com maior tempo de escuta.

Os agricultores de Mineiros e Chapadão do Céu apresentam particularidades nas suas preferências estéticas, tendo em comum o apreço à cobertura do solo e o aumento da biodiversidade. Um deles é artesão e se orienta claramente pelos aspectos estéticos, assim como pela economia energética, em todas as suas atividades, tendo um manejo diferenciado. Os outros dois utilizam diferentemente as possibilidades de mecanização.

Agricultores mais tecnificados ou com histórico de trabalho em monocultura também usam parâmetros estéticos na escolha de alguns manejos ou plantios. Durante as fortes geadas que ocorreram no inverno de 2017, as áreas de SAF com dossel mais alto foram as que menos sofreram danos, corroborando Shri-

vastava e Statler, (2010), segundo quem técnicas baseadas na arte e na estética podem levar a métodos que permitam melhorar a resiliência de sistemas face às crises.

## Considerações Finais

No momento em que o saber ambiental se propõe a ser guiado pelo “desejo insaciável de saber e justiça” (LEFF, 2012), a tríade belo-bom-verdadeiro está manca, ou seja, negligencia-se o âmbito do belo. Isto se traduz dramaticamente nas crises ambientais que vivem os camponeses assentados. A monocultura, já responsável por grande parte desta crise, também implica uma estética onipresente, destrói a agri-cultura, porque obedece a uma lógica de simples lucro, desconectada de seus possíveis vínculos com a responsabilidade socioambiental.

Esta estética imposta está presente nas modas “country”, que se estendem das vestimentas aos rodeios, passando pela música, fazendo tábua rasa da imensa diversidade de saberes, cores, sabores e sons do campesinato. Mais que isto, constatamos que esta estética do “limpo”, uniforme, monotônico e monoespecífico, onipresente no pensamento abissal de que nos fala Santos, (2009), se impôs no imaginário do belo enquanto paisagem, e que a recuperação de elementos de beleza camponesa vai de par com a recuperação de biomas, de formas de cultivo agroecológicas e de todos os modos de vida que tornam possível a agricultura.

Da educação ambiental vem então a proposta de se mudar *valores* e não mudar comportamentos para um suposto “desenvolvimento sustentável”. A beleza, enquanto companheira da ética, tem portanto papel fundamental neste processo.

Entendemos, a partir dos relatos ouvidos, que o histórico de anos de acampamento, em condições de insegurança, desenraizamento e precariedade deixaram traços indelévels nos assentados, e que isto afetou profundamente suas perspectivas estéticas: É muito comum, por exemplo, mesmo com a casa e madeiramento pronto, se “puxar” uma varanda de lona preta, muito semelhante ao acampamento. Isto é feito de forma provisória, para estocar algum material

ração ou colheita, mas chama a atenção por se repetir constantemente apenas nos lotes de famílias que ficaram muitos anos acampadas.

Na análise dos resultados obtidos a partir do referencial teórico, abre-se um imenso leque de hipóteses serem sistematizadas para verificação em campo, no que toca à caracterização dos elementos de beleza. O belo das abelhas, ou das formas e relevos da cobertura do solo, é um belo objetivo ou subjetivo? Independe ou não do observador? Podemos retirar parâmetros de *unidade, número, igualdade, proporção e ordem*? Neste caso, podemos dizer que o belo percebido pelos assentados possui elementos que nos remetem à percepção pitagórica e agostiniana de beleza? Nossos resultados preliminares nos indicam que, apesar de alguns elementos culturais fortes nos remeterem aos trabalhos de Tomas de Aquino sobre a influência do sentimento de prazer na sensação de beleza, que seria subjetiva, existem elementos que apontam para esta primeira opção (o belo enquanto parâmetro objetivo). Pouco discutimos sobre estas considerações com os assentados, e esta pode ser uma pista para atividades futuras, de avaliação e planejamento.

Enfim, temos a convicção de que, se as técnicas descritas nos resultados não podem ser generalizadas para outras populações sem adaptações às diferentes realidades culturais, o conceito de beleza deve ser tratado com grande seriedade e de forma sistemática em trabalhos de pesquisa-ação-participativa, sob pena de passar ao largo do real significado e importância da maioria, se não de todos os atos, escolhas e reflexões realizados.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicomaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).
- ARISTÓTELES. Arte Poética. In: **A Poética Clássica**. Trad. Jaime Bruna. 7a edição. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAUDELAIRE, Charles, *Fleurs du mal*. Paris: Sfelt, 1946.
- BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética: A lógica da arte e do poema**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1993.
- ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989.
- FERRARO JUNIOR, L. A. (Coord.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. v.1.
- FERRARO JUNIOR, L. A. (Coord.). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2007. v.2.
- FERRARO JUNIOR, L. A. (Coord.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2014. v.3.
- FERRARO Jr. Luiz Antônio. **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. V. 3. Brasília: MMA, 2014.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- KANT, Emanuel. **Crítica Del Juicio**. Madrid: Nueva biblioteca filosófica 1876.
- LEFF, Enrique, **Aventuras da Epistemologia Ambiental**, São Paulo: Cortez editora, 2012.
- O VENENO está na mesa 1". Direção: Silvio Tandler. Produção: Caliban. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WYUn7Q5cpJ8>. Acesso em Março 2014.
- O VENENO está na mesa 2". Direção: Silvio Tandler. Produção: Caliban. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyvoKljtvG4>. Acesso em Março 2014.
- PAULA, Mariana Crepaldi de. **Le défi de l'autonomie: Le rôle de l'éducation environnementale dans la participation, l'aménagement et la gouvernance**. Sarrebruck: Éditions universitaires européennes, 2010."
- PAULA, Mariana Crepaldi de. RIBEIRO, Dinalva Donizete. A Apicultura Enquanto Norteadora da Transição Agroecológica de Mulheres Assentadas. In: **Anais da VI Jornada de Estudos de Assentamentos Rurais**. Campinas - SP: FEAGRI/ UNICAMP, 2013. v. 1. p. 1-15.

PEIRCE, Charles Sanders. **Conferências sobre pragmatismo**. São Paulo: Abril Cultural (coleção Os Pensadores), 1989.

PLATÃO. **Hípias Maior**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1980.

PLATÃO. **Fédon**, São Paulo: Nova Cultural, (coleção Os Pensadores), 1987.

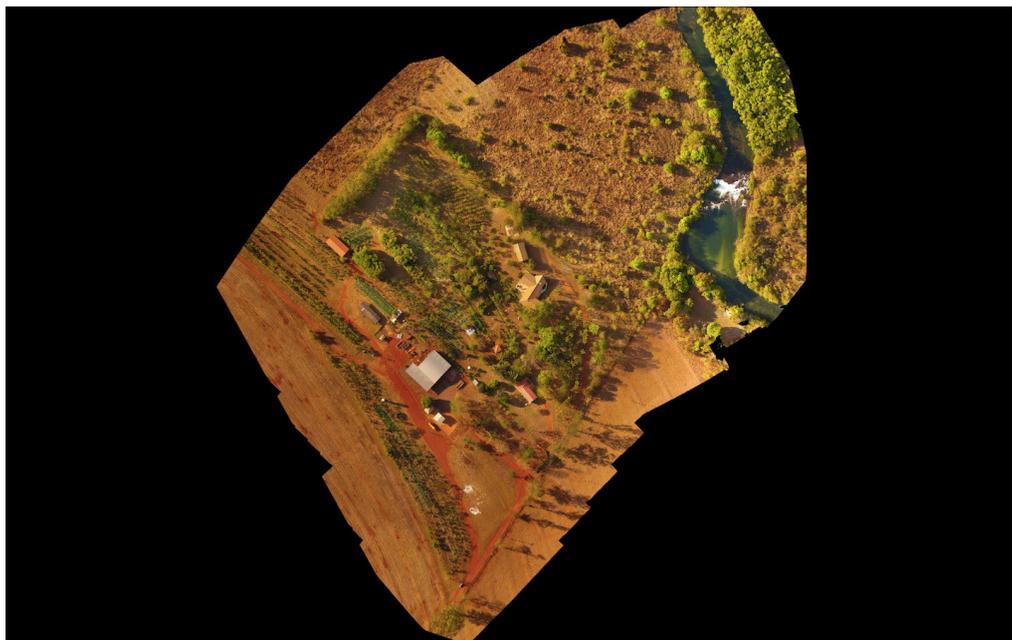
PLATÃO, **A República**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PONTAL do Buriti – Brincando na chuva de Veneno”. Direção: Dagmar Talga. Produção: Murilo Mendonça Oliveira de Souza Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHQdWwZc-Glg&feature=kp>. Acesso em Janeiro 2014.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org). Epistemologias do Sul. **Coimbra**, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

SHRIVASTAVA, P; STATLER, M. “L`Esthétique des systèmes résilients”. *Télescope*, vol. 16, no 2, p 115-130, 2010.



*Foto 1: Imagem aérea realizada com drone fornecida pelo agricultor 1. Pode-se observar a propriedade, no final da seca, as áreas de agrofloresta, a área de reserva de cerado, e uma faixa de lavoura de soja, com solo descoberto.*



*Foto 2: Detalhes estéticos da porta da casa de adobe, agricultor 2 em Mineiros-GO. Foto da autora.*



*Foto 3: Agricultor 3, aumento na biodiversidade e na cobertura do solo. Foto da autora.*

**Sobre a autora:**

Bolsista PNPd do Programa de Pós Graduação em Geografia do Campus avançado Jataí da Universidade Federal de Goiás.